

Depressão e uso de medicamentos em profissionais de enfermagem

Depression and use of medicines in nursing personnel

Itaniele Francisca Pereira¹, Luciene Costa Faria¹, Raquel Schwenck Mello Vianna², Priscilla Duarte Soares Corrêa³, Daniel Antunes Freitas⁴, Wellington Danilo Soares¹

Resumo

Introdução: A depressão em profissionais da Enfermagem no âmbito hospitalar tem sido um tema bastante relevante em meios de pesquisas, devido a possíveis impactos na saúde psíquica do trabalhador. **Objetivos:** Identificar os níveis de depressão e uso de medicamentos em profissionais da Enfermagem. **Casística e Métodos:** Pesquisa descritiva, quantitativa e transversal. Amostra composta por 86 participantes de ambos os sexos, faixa etária de 23 a 64 anos ($38,6 \pm 8,8$ anos), registrados e atuantes pelo tempo mínimo em um em hospital da cidade de Montes Claros, MG. Para avaliar os níveis de depressão foi utilizado o Inventário de Depressão de Beck – BDI, contendo 21 questões fechadas. Para identificar o grau de adesão a tratamento medicamentoso e avaliar o comportamento do indivíduo foi utilizado o teste de Morisky e Green. **Resultados:** Os resultados demonstraram maior prevalência de profissionais do sexo feminino (62,8%) e de casados (51%). Os dados revelaram que a maioria (46,5%) executava suas atividades no período noturno. Quanto à escolaridade, 58,1% possui ensino médio/técnico. Ficou evidenciado, ainda, que 59,3% dos avaliados não apresentaram quadro depressivo, 12,8% foram classificados com depressão grave e não fazem uso de medicamentos (70,9%). **Conclusão:** Conclui-se que existe um percentual significativo com quadro de depressão para a amostra avaliada, seja ela leve, moderada ou grave. Em contrapartida poucos utilizam medicamentos, sendo os mais comuns analgésicos, anti-inflamatórios, polivitamínicos, ansiolíticos, antidepressivos e antiulcerosos.

Descritores: Enfermagem; Depressão; Preparações Farmacêuticas; Hospitais.

Abstract

Introduction: Depression in nursing professionals at a hospital setting has been a very relevant topic in research media due to possible impacts on the worker's psychic health. **Objectives:** Identify the levels of depression and medication usage in nursing professionals. **Patients and Methods:** This is a descriptive, quantitative, and transversal study. The sample consisted of 86 participants of both sexes, aged from 23 to 64 years (38.6 ± 8.8 years), under registered work contract and working, at least for one year in a hospital in the city of Montes Claros, Minas Gerais state. Beck Depression Inventory, containing 21 closed questions was used to assess depression levels. The test of Morisky and Green was used to access the degree of medication adherence and the individual's behavior. **Results:** The results showed a greater prevalence of female professionals (62.8%) and of married (51%). Data revealed that the majority (46.5%) of the professionals performed their activities at night shift. Regarding education, 58.1% have high school level/technical education. It was also evident that 59.3% of the individuals did not present depressive symptoms; 12.8% were classified with severe depression and were not drug users (70.9%). **Conclusion:** It is concluded that there is a significant percentage of professionals with depression symptoms, whether it is mild, moderate, or severe. In contrast, few professionals use drugs. The most common are analgesics, anti-inflammatories, poly vitamins, anxiolytics, antidepressants, and anti-ulcer agents.

Descriptors: Nursing; Depression; Pharmaceutical Preparations; Hospitals.

¹Faculdades Integradas do Norte de Minas(FUNORTE)-Montes Claros-MG-Brasil

²Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri(UFVJM)-Diamantina-MG-Brasil.

³Fundação Oswaldo Cruz(FIOCRUZ)-Rio de Janeiro-RJ-Brasil.

⁴Universidade Estadual de Montes Claros(UNIMONTES)-Montes Claros-MG-Brasil

Conflito de interesses: Não

Contribuição dos autores: IFP coleta, tabulação, delineamento do estudo e redação do manuscrito. LCF coleta, tabulação, delineamento do estudo e redação do manuscrito. RSMV orientação do projeto, delineamento do estudo e elaboração do manuscrito. PDSC discussão dos achados, etapas de execução e elaboração do manuscrito. DAF discussão dos achados, etapas de execução e elaboração do manuscrito. WDS orientação do projeto, delineamento do estudo e elaboração do manuscrito.

Contato para correspondência: Wellington Danilo Soares

E-mail: wdansoa@yahoo.com.br

Recebido: 13/09/2016; **Aprovado:** 01/12/2016

Introdução

A depressão é um dos fenômenos atuais que mais tem chamado atenção pelo alto nível de incidência no mundo, além de tratar-se de uma questão de saúde pública. De acordo a Organização Mundial de Saúde (OMS) estima-se que hoje, no mundo, 350 milhões de pessoas vivam com depressão⁽¹⁾. O diagnóstico da depressão é um agrupamento de sintomas que está fundamentado na Classificação Internacional das Doenças (CID-10) e em outro instrumento de referência, Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV)⁽²⁾.

Pesquisa indica como fatores substanciais que podem acarretar risco para a depressão, os seguintes aspectos: histórico familiar, episódio anterior de depressão, doença física, perdas, acontecimentos estressantes, abuso de medicamentos ou drogas⁽²⁾. A depressão em profissionais da Enfermagem no âmbito hospitalar é um tema bastante relevante em meios de pesquisas, em virtude dos impactos profundos na saúde psíquica do trabalhador, principalmente em áreas consideradas críticas como, Pronto-Socorro (PS) e Unidade de Tratamento Intensivo (UTI), uma vez que o trabalho do profissional da Enfermagem pode apresentar alguns elementos capazes de comprometer o equilíbrio e o processo de viver saudável dos trabalhadores, tornando-os mais suscetíveis à depressão e ao cansaço⁽³⁾. Percebe-se, dessa forma, que o trabalho do profissional da Enfermagem em geral, é desgastante e cansativo, em unidades críticas, como o Pronto-Socorro (PS), existem elementos que favorecem ainda mais o sofrimento e o desgaste emocional, pois se trata de um ambiente instável, agitado e com tarefas intensas, exigindo rápidas decisões e reestruturação no trabalho desenvolvido⁽⁴⁾.

Em relação aos trabalhadores da Enfermagem, as consequências do processo de trabalho repercutem sobre a saúde desses profissionais. Muitos são submetidos a condições inadequadas de trabalho, expondo sua vida aos riscos e comprometendo a qualidade de serviços prestada. E, em função da sobrecarga de trabalho, são acometidos por vários sintomas e doenças, sendo elas: hipertensão arterial, doenças cardiovasculares, etilismo, estresse, distúrbios osteomusculares relacionado ao trabalho (DORT), além de angústia e depressão que causam danos sobre o corpo e a mente dos enfermeiros, prejudicando a força de trabalho destes profissionais⁽⁵⁾.

O uso de medicamento traz intrinsecamente um valor representativo que exprime o desejo de mudar o curso natural das doenças. Neste cenário, a automedicação se estabelece na tentativa de abrandar agravos à saúde, podendo gerar irracionalidade no consumo, bem como grandes consequências e nem sempre traz resultados positivos, além de correr riscos de intoxicação e outros sintomas⁽⁶⁾.

Em consequência ao contexto de trabalho e obstáculos do dia a dia, os profissionais estão expostos ao uso de substâncias psicoativas. Diante disso, emerge a importância do conhecimento das drogas psicoativas e os malefícios do uso inadequado na vida desses profissionais. No entanto, automedicação é apenas uma maneira de encobrir a doença que se instala progressivamente nesses trabalhadores, e que exige um diagnóstico e tratamento adequados⁽⁷⁾. A facilidade com a qual estes profissionais dispõem no acesso e manuseio de medicamentos faz-se favorável à automedicação, ainda que conheçam os riscos e os danos inerentes a esse hábito, se automedicam no intuito de livrar de situações incomodas e enfrentar a árdua jornada de trabalho⁽⁸⁾.

Pesquisa explicita que, as categorias de medicamentos mais utilizadas são os benzodiazepínicos (ansiolíticos), os anti-infla-

matórios, analgésicos e antidepressivos. Alguns são utilizados para amenizar as tensões e dores musculares e outros para aliviar o cansaço e melhorar a disposição, ansiedade e autoestima. Ainda segundo o autor, Os profissionais estão expostos a cargas de trabalho como, as biológicas, físicas, químicas, mecânicas e psíquicas. É importante que se atente para as consequências do uso dessas substâncias que podem envolver transformações na mente, no corpo e na conduta, o que traz riscos, tanto para as pessoas que as consomem quanto para as que com elas convivem⁽⁴⁾. O presente estudo objetivou identificar os níveis de depressão e uso de medicamentos em profissionais da Enfermagem na cidade de Montes Claros - MG.

Casuística e Métodos

Esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da Associação Educativa do Brasil-SOEBRAS, parecer consubstanciado nº 1.005.397/2015. Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem quantitativa e transversal.

A amostra foi composta por 86 profissionais de Enfermagem registrados e atuantes de ambos os sexos, todos maiores de 18 anos, selecionados aleatoriamente em um Pronto-Socorro de um hospital da cidade de Montes Claros - MG. Foram incluídos aqueles que aceitaram participar da pesquisa de forma voluntária e estavam registrados na instituição pesquisada pelo tempo mínimo de um ano, e excluídos os participantes que não aceitaram assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que não estavam presentes no dia da coleta de dados após três tentativas. Para avaliação dos níveis de depressão foi utilizado o Inventário de Depressão de Beck, composto por 21 itens, incluindo sintomas e atitudes, cuja intensidade varia de 0 a 3. Referem-se à tristeza, pessimismo, sensação de fracasso, falta de satisfação, sensação de culpa, sensação de punição, auto depreciação, autoacusações, ideias suicidas, crises de choro, irritabilidade, retração social, indecisão, distorção da imagem corporal, inibição para o trabalho, distúrbio do sono, fadiga, perda de apetite, perda de peso, preocupação somática, diminuição de libido. A escolha do ponto de corte depende da natureza da amostra e dos objetivos do estudo. O Inventário de Depressão de Beck classifica o nível sob os seguintes pontos de corte: 0 a 13 sem depressão ou depressão mínima; 14 a 19 com depressão leve; 20 a 28, depressão moderada; e 29 a 63 com depressão grave.

Para identificar o grau de adesão ao tratamento medicamentoso e, assim, avaliar o comportamento do indivíduo, foi utilizado o teste de Morisky e Green (1986)⁽⁹⁾. Este teste consiste de quatro perguntas: “Você, alguma vez, se esquece de tomar seu remédio?”; “Você, às vezes, é descuidado quanto ao horário de seu remédio?”; “Quando você se sente bem, algumas vezes, você deixa de tomar seu remédio?” e “Quando você se sente mal, com o remédio às vezes, deixa de tomá-lo?”. Com essas questões pode-se especificar se a adesão ou não adesão é intencional ou não. Para avaliar as respostas, será atribuído o valor 1 para respostas positivas, em casos de aderência contínua de um mês em diante, e 0 para respostas negativas. Como método de comparação, ao somar as pontuações, aqueles que obtiverem 4 pontos serão considerados mais aderentes e aqueles que tiverem de 3 a 0 pontos, menos aderentes.

A partir da autorização para realização do estudo, foi realizada uma reunião com os profissionais que se enquadraram nos critérios de inclusão e exclusão. Antes da coleta, os participantes foram informados sobre os propósitos do estudo. Os dados foram

coletados em uma sala reservada para esse fim, garantindo o sigilo dos dados e privacidade ao participante. Os dados foram coletados nos meses março e abril de 2016.

Após a coleta de dados, foi realizada uma análise descritiva com valores de média, frequência e desvio padrão. Todos os procedimentos estatísticos foram realizados no *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS® 22.0 para Windows®).

Resultados

O grupo amostral foi constituído por participantes na faixa etária de 23 a 64 anos ($38,6 \pm 8,8$ anos), com tempo de serviço em Enfermagem em hospitais de 1 a 10 anos.

Os resultados encontrados a partir da aplicação do questionário são demonstrados na tabela abaixo.

Tabela 1. Apresenta os dados em valor de frequência para caracterizar a amostra pesquisada (n=86). Montes Claros/MG, 2016

Variável	Opções	N	%
Sexo	Masculino	32	37,2
	Feminino	54	62,8
Estado civil	Solteiro	28	32,6
	Casado	44	51,2
	Divorciado	12	14,0
	Viúvo	2	2,3
Turno	Matutino	32	37,2
	Integral	14	16,3
	Noturno	40	46,5
Escolaridade	Ensino médio	50	58,1
	Ensino superior	36	41,9

Do total de 86 participantes, houve uma maior prevalência do sexo feminino (62%), e maioria casada (51%).

Os técnicos e profissionais de Enfermagem são, em sua maioria, mulheres casadas, que lidam com atividades laborais em seu dia a dia, conciliando com o mundo do trabalho, atendem às demandas dos filhos, do companheiro e da casa, o que favorece o surgimento de um quadro de estresse que pode resultar a depressão.

Em relação ao turno de trabalho, 46,5% executavam suas atividades no período noturno. Observa-se que os profissionais dessa área nos turnos da noite, bem como aqueles que não têm uma rotina fixa de trabalho e de vida, estão mais propensos a distúrbios psíquicos.

Com relação à escolaridade, a maioria (58,1%) possui ensino médio/técnico, enquanto 41,9% possuem ensino superior completo. Ambas as classes operam sob a inspeção de um supervisor. De acordo com os resultados relativos aos níveis de depressão, foi possível verificar que um número significativo de avaliados apresentou algum quadro de depressão (40,7%), apesar de a maioria (59,3%) não ter apresentado esse quadro depressivo instalado.

Tabela 2. Demonstra os níveis de depressão e uso de medicamentos (n=86). Montes Claros/MG, 2016

Variável	Opções	N	%
Depressão	Nenhuma	51	59,3
	Leve	15	17,4
	Moderada	09	10,5
	Grave	11	12,8
Uso de medicamentos	Sim	25	29,1
	Não	61	70,9

Discussão

Esta pesquisa teve como foco principal identificar os níveis de depressão e uso de medicamentos em profissionais da Enfermagem de um hospital da cidade de Montes Claros – MG.

Os enfermeiros, principalmente os casados, são vulneráveis a desencadear depressão e abandonar o emprego e ainda obter prejuízo nas relações conjugais ou retardar a constituição de vínculo conjugal⁽¹⁰⁾.

O trabalho noturno leva os trabalhadores a trocarem seu padrão normal de sono e quando há uma exabundante e persistente privação, isso pode acarretar sintomas, como irritabilidade, diminuição do nível de alerta, esgotamento, dentre outros. Quando esses sinais ocorrem com frequência e por tempo prolongado, podem resultar no desgaste físico e psíquico dos profissionais, culminando no adoecimento laboral⁽⁴⁾. Esses dados se associam aos apresentados no estudo que aponta o trabalho noturno como um dos principais fatores para a depressão, no qual 28,4% da população do estudo obtiveram escores que sugeriam depressão⁽¹¹⁾.

Existe uma gama de atividades sob a responsabilidade dos enfermeiros e técnicos de Enfermagem, como funções de higiene e cuidados básicos, tratamentos prescritos ou de rotina, prestação de cuidados pré e pós-cirúrgico de rotina ligado à alta dos pacientes e procedimento pós-morte. Esses profissionais desenvolvem ainda, atividades de planejamento, programação, instrução e supervisão de assistência de Enfermagem, subsídio de cuidados diretos a pacientes em estado grave, ou seja, trabalham de forma interposta. Tanto os técnicos de Enfermagem quanto os enfermeiros de nível superior possuem um contato diário com o paciente, necessitando de maior controle emocional, uma vez que lidam com situações de risco e até mesmo com a morte⁽¹²⁾.

Fato preocupante foi observar que o grupo amostral demonstrou possuir níveis de depressão superiores em comparação com a população geral (3% a 11%), de acordo com o proposto pela Associação Brasileira de Psiquiatria⁽¹³⁾.

Estes resultados corroboram os dados obtidos por uma investigação, em que se objetivou identificar a prevalência de sintomatologia, sugestiva de depressão nos profissionais da equipe de Enfermagem do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência, no qual 85 profissionais participaram do estudo. A prevalência de depressão foi avaliada por intermédio do através do Inventário de Depressão de Beck. Os achados mostraram que, igualmente ao nosso estudo, a maioria (88,2%) foi classificada sem sintomatologia de depressão, seguidos de depressão leve (9,4%) e sintomatologia de depressão grave (2,4%)⁽¹⁴⁾.

Um estudo⁽¹⁵⁾ que avaliou a ansiedade e depressão com a utilização da Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão, contendo 14 questões do tipo múltipla escolha e composta por duas subescalas: ansiedade (HADS-A) e depressão (HADS-D) em trabalhadores de Enfermagem atuante em blocos cirúrgicos corrobora nossos achados, nos quais os trabalhadores mostraram níveis de depressão (24,2%) maiores que os da média da população geral. Estes resultados indicam que uma boa parte dos profissionais de Enfermagem avalia as circunstâncias a que se expõem no dia a dia como ameaçadoras. Ainda, segundo os autores, uma revisão sistemática de estudos nacionais encontrou resultado similar, no qual a média de prevalência de depressão entre os trabalhadores de Enfermagem ficou entre 28,78% e 30,64%, números inferiores aos encontrados na nossa pesquisa. Nossos resultados apresentaram uma prevalência significativa de depressão, corroborando uma investigação no qual ressaltam que os trabalhadores de Enfermagem em suas práticas laborais,

encontram-se expostos a psicopatologias, como a depressão, em virtude da relação entre o trabalho hospitalar e a saúde, mais inerente ao âmbito hospitalar e a saúde mental do profissional⁽¹⁶⁾. Fato digno de nota é que o profissional de Enfermagem deve ser compreendido muito além de um trabalhador da saúde, deve ser visto como uma pessoa que também pode sofrer danos à própria saúde. Desse modo, despertou a atenção para a gravidade dos riscos que correm tanto no trabalho quanto na vida pessoal, para o desenvolvimento de transtornos mentais que, muitas vezes são negligenciados, até mesmo pelos próprios profissionais. Evidências reforçam a necessidade de se analisar precocemente os fatores de risco para depressão nos trabalhadores dessa categoria profissional, além de componentes para que o enfermeiro possa reconhecê-los e avaliá-los na sua equipe⁽¹⁰⁾. Com relação à utilização de medicamentos psicoativos, foi verificado que a maioria (70,9%) não faz uso de medicamentos, enquanto uma minoria (29,1) assumiu fazer uso de medicamentos. Desse modo, alguns profissionais possuem conhecimento sobre os efeitos das drogas disponíveis, o que pode favorecer a automedicação.

Os resultados de uma pesquisa sobre a prevalência de uso de psicofármacos entre profissionais de saúde da área hospitalar, sendo 106 profissionais de ensino superior e técnico, atuantes no hospital e maiores de 18 anos. O instrumento utilizado neste estudo foi o questionário sociodemográfico, contendo também questões que avaliavam o uso dos psicofármacos (se fazia ou não uso). Os achados demonstraram altos percentuais (21,7%). Estes dados coadunam nossos achados, inclusive, ambos são superiores à proposta dos níveis referentes como base populacional (15,8%). Outro ponto no qual verificamos a prevalência de uso de medicamentos foi entre os profissionais atuantes nos setores de Unidades de Internação (34,78%) e Unidades de Terapia Intensiva (UTI) (34,78%). Nas UTIs, os profissionais têm maior aproximação com os pacientes, dada à gravidade do estado de saúde dos destes, o que consome mais tempo para a execução das atividades, pelo alto nível de dependência. Esses fatores, associados ao estado de alerta para realização de um rápido atendimento quando necessário, podem desencadear estresse⁽¹⁷⁾.

Investigadores⁽⁸⁾ relatam que em consequência da facilidade com a qual estes profissionais dispõem no acesso e manuseio de medicamentos, faz-se necessário um cuidado com a automedicação, ainda que conheçam os riscos e os danos inerentes a esse hábito, se automedicam no intuito de livrar-se de situações incômodas e enfrentar a árdua jornada de trabalho. Outro estudo⁽¹⁴⁾ ressalta, ainda, que no trabalho da equipe de Enfermagem há vários fatores internos e externos que são desencadeantes de transtornos psíquicos e que em consequência à exposição a estes fatores os profissionais adquirem algumas enfermidades. O estudo ainda descreve algumas doenças mais frequentes que acometem esses profissionais, como as do sistema osteomolecular e do tecido conjuntivo, transtornos mentais e comportamentais, doenças do sistema respiratório e circulatório, lesões, envenenamentos e outras de consequências de causas externas. Tais achados correlacionam-se com os resultados desta pesquisa em que se demonstra o uso de medicamentos relacionados à cura das doenças citadas⁽¹⁴⁾.

A presente pesquisa apresenta limitações características de uma investigação científica transversal, na impossibilidade de estabelecer uma relação de causa e efeito.

Conclusão

Por intermédio dos resultados encontrados, pode-se depreender que existe um percentual significativo, da amostra avaliada, com quadro de depressão leve, moderada ou grave. Em contrapartida poucos utilizam medicamentos, sendo os mais comuns analgésicos, anti-inflamatórios, polivitamínicos, ansiolíticos, antidepressivos e antiulcerosos.

O estudo apresentou limitações inerentes aos estudos com natureza transversal, na impossibilidade causal.

Assim sendo, sugere-se que outras investigações sejam realizadas na busca de se ampliar o conhecimento sobre a temática, os quais podem e devem respaldar estratégias que visem assegurar ao trabalhador de Enfermagem qualidade de vida no trabalho.

Referências

1. Abelha L. Depressão, uma questão de saúde pública. *Cad Saúde Colet.* 2014;22(3): 223. DOI: 10.1590/1414-462X201400030001.
2. Santiago A, Holanda AF. Fenomenologia da depressão: uma análise da produção acadêmica brasileira. *Rev Abordagem Gestalt.* 2013;19(1):38-50.
3. Vieira TG, Beck CLC, Dissen CM, Camponogara S, Gobatto M, Coelho APF. Adoecimento e uso de medicamentos psicoati-vos entre trabalhadores de Enfermagem de unidades de terapia intensiva. *Rev Enferm UFSM.* 2013;3(2):205-14. <http://dx.doi.org/10.5902/217976927538>.
4. Garcia AB, Dellaroza MSG, Haddad MCL, Pachemshy LR. Prazer no trabalho de técnicos de Enfermagem do pronto-socorro de um hospital universitário público. *Rev Gaúcha Enferm.* 2012;33(2):153-9. <http://dx.doi.org/10.1590/S1983-14472012000200022>.
5. Pereira RSF. Fatores de risco cardiovascular em trabalha-dores de Enfermagem de um hospital público em São José dos Campos-SP [dissertação]. Guarulhos: Universidade de Guarulhos; 2013.
6. Pereira Junior AC, Telles Filho PCP, Azevedo DSS. Autome-dicação: consumo, orientação e conhecimento entre acadêmi-cos de Enfermagem. *Rev Enferm UFPE.* 2013;7(6):4472-8. DOI: 10.5205/reuol.4164-33013-1-SM.0706201321.
7. Dias JRF, Araújo CS, Martins ERC, Clos AC, Francisco MTR, Sampaio CEP. Fatores predisponentes ao uso próprio de psicotrópicos por profissionais de Enfermagem. *Rev Enferm UERJ.* 2011;19(3):445-51.
8. Bittar CML, Gontijo IL. Automedicação entre as trabalha-doras de Enfermagem de um Hospital de Uberaba-MG. *Rev Eletr Gestã Saúde.* 2015;6(2):1229-38.
9. Morisky DE, Green LW, Levine DM. Concurrent and pre-dictive validity of a self-reported measure of medication adherence. *Medical Care.* 1986;24(1):67-74.
10. Silva DDSD, Tavares NVS, Alexandre ARG, Freitas DA, Brêda MZ, Albuquerque MCDS, et al. Depressão e risco de suicídio entre profissionais de Enfermagem: revisão inte-grativa. *Rev Escola Enferm USP.* 2015;49(6):1023-31. DOI: 10.1590/S0080-623420150000600020.
11. Vargas D, Dias APV. Prevalência de depressão em trabalhado-res de Enfermagem de Unidade de Terapia Intensiva: estudo em hospitais de uma cidade do noroeste do Estado São Paulo. *Rev Latinoam Enferm.* 2011;19(5):1114-21.

12. Gomes RK, Oliveira VB. Depressão, ansiedade e suporte social em profissionais de Enfermagem. *Bol Psicol.* 2013;63(138):23-33.
13. Fleck MPA, Lafer B, Sougey EB, Del Porto JA, Brasil MA, Juruena MF. Diretrizes da Associação Médica Brasileira para o tratamento da depressão. *Rev Bras Psiquiatr.* 2003;25(2):114-22. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462003000200013>.
14. Antonio MCR, Candido MCFDS, Contrera L, Duarte SJH, Furegato ARF, Pontes ERJC. Alterações de saúde e sintomas sugestivos de depressão entre trabalhadores da Enfermagem do serviço de atendimento móvel de urgência. *Enferm Foco.* 2015;5(1/2):4-7.
15. Schmidt DRC, Dantas RAS, Marziale MHP. Ansiedade e depressão entre profissionais de Enfermagem que atuam em blocos cirúrgicos. *Rev Esc Enferm USP.* 2011;45(2):487-93. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342011000200026>.
16. Ferreira LAL, Ferreira LL. Depressão no trabalho da Enfermagem: revisão sistemática de literatura. *Universitas Ciênc Saúde.* 2015;13(1):41-8. DOI:10.5102/ucs.v13i1.2849.
17. Schneider APH, Azambuja PG. Uso de fármacos psicotrópicos por profissionais da saúde atuantes da área hospitalar. *Infarma.* 2015;27(1):14-21.

Itaniele Francisca Pereira é Psicóloga formada nas Faculdades Integradas do Norte de Minas (Funorte). E-mail: itanielefrancisca@hotmail.com

Luciene Costa Faria é Psicóloga formada nas Faculdades Integra-das do Norte de Minas (Funorte). E-mail: lucyenefc@gmail.com

Raquel Schwenck Mello Vianna é professora do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal dos Vales do Mu-curi e Jequitinhonha (UFVJM). Doutoranda em Educação pela Universidade Católica de Santa Fe – Argentina. E-mail: quelchwenck@hotmail.com

Priscilla Duarte Soares Corrêa é Enfermeira no Hospital Estadual Adão Pereira Nunes no Rio de Janeiro. Mestranda em Ciências da Saúde na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: priscillakdsoares@yahoo.com.br

Daniel Antunes Freitas é secretário de saúde na cidade de Bocaiuva-MG. Professor efetivo do departamento de Medicina da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Doutorado em Ciências da Saúde pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde (PPGCS/Unimontes). E-mail: danielmes-tradounincor@yahoo.com.br

Wellington Danilo Soares é professor adjunto das Faculdades Integradas do Norte de Minas (Funorte). Docente do departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Doutorado em Ciências da Saúde pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde (PPGCS/Unimontes). E-mail: wdansoa@yahoo.com.br